

# **10 SONETOS DE SHAKESPEARE**

Tradução e  
comentários de  
Domingos van Erven



Para Rodrigo e Alexandre

*“And nothing ‘gainst Time’s scythe can make defence  
Save breed, to brave him when he takes thee hence.”  
(Sonnet XII)*



## **Apresentação**

Reuniram-se aqui os mais famosos (e amados) sonetos de William Shakespeare (1564-1616), aqueles que mais frequentemente aparecem nas antologias da poesia de língua inglesa.

Representam uma amostra significativa dos “Sonetos” do grande bardo, e consistem nos que tocaram mais de perto a sensibilidade das diversas gerações que se sucederam desde 1609, quando foram impressos pela primeira vez.

A tradução procurou ser a mais fiel possível, apoiando-se em interpretações de autoridades shakespearianas reconhecidas (ver “Fontes consultadas”). Não adotou metro nem rima, que muitas vezes distorcem o original, pois os versos têm que se encaixar em um padrão pré-estabelecido, sem levar em conta as diferenças entre os dois idiomas, além de evocarem sugestões outras – por imposição da rima, especialmente --, que lhes são estranhas.

Minha preocupação básica foi tentar passar para o português o que Shakespeare realmente disse nos versos, a fim de permitir que o leitor brasileiro conheça o seu conteúdo de modo preciso. Por outro lado, ele é alertado, nos “comentários”, para as características formais desses versos, intraduzíveis, podendo assim melhor desfrutar da poesia do original.

Domingos van Erven

Curitiba, agosto de 2000



## Sumário

	Página
Apresentação.....	5
Soneto XII.....	8
Soneto XVII.....	14
Soneto XVIII.....	18
Soneto XXIX.....	24
Soneto XXX.....	28
Soneto LV.....	34
Soneto LX.....	40
Soneto LXXI.....	46
Soneto LXXIII.....	52
Soneto CXVI.....	58
Fontes consultadas.....	65

**Sonnet XII**

When I do count the clock that tells the time, 1  
 And see the brave day sunk in hideous night;  
 When I behold the violet past prime,  
 And sable curls, all silver'd o'er with white;

When lofty trees I see barren of leaves, 5  
 Which erst from heat did canopy the herd,  
 And summer's green all girded up in sheaves,  
 Borne on the bier with white and bristly beard;

Then of thy beauty do I question make,  
 That thou among the wastes of time must go, 10  
 Since sweets and beauties do themselves for forsake,  
 And die as fast as they see others grow;

And nothing 'gainst Time's scythe can make defence  
 Save breed, to brave him when he takes thee hence.

**Soneto XII**

Quando as horas que soam do relógio eu conto, 1  
E vejo o lindo dia afundar na noite hedionda;  
Quando contemplo, já sem viço, a violeta,  
E vejo pratear negros cachos de cabelos;

Quando árvores altivas vejo desfolhadas, 5  
Que antes, no calor, ao rebanho davam sombra,  
E os cereais do verão, em feixes amarrados,  
Com suas brancas barbas hirsutas, levados no caixão;

Então ponho em questão a beleza que possuis, 10  
Pois deverás passar pelas ruínas do tempo,  
Uma vez que coisas belas e gentis de si mesmas se  
despedem,  
E morrem, quando veem outras aparecerem;

E nada, contra a foice do Tempo, é defesa  
Salvo a prole, que o desafia, quando ele daqui te leva.

## Comentários ao soneto XII

### 1. Sinopse

Quando o poeta verifica as horas, e vê o dia findar, quando vê a flor (violeta) começar a murchar, depois de atingir o seu auge (“prime”), e os cabelos, antes negros, embranquecerem (“silver’d o’er with white”) (quarteto 1), quando vê as árvores perderem as folhas, que no verão davam sombra ao rebanho, e vê a safra dessa estação sendo levada embora (quarteto 2), então coloca em questão a beleza do ser amado, que deverá sofrer também os efeitos da passagem do tempo (quarteto 3). Nada escapa à sua ação -- à “foice do Tempo” --, salvo a nossa descendência, que o desafia, após morrermos (dístico).

### 2. Tema e intenções

O tema do soneto é a passagem do tempo, que afeta tudo o que existe no mundo.

Shakespeare estabelece uma associação entre a passagem do tempo na natureza -- expressa pelo término do dia, e a evolução das estações do ano --, e nas pessoas. Assim é que, no v.2, refere-se ao dia sendo substituído pela noite (ou melhor o dia “afunda” na noite, pois “to sink”= afundar, submergir; a escolha do verbo por si só já constitui uma metáfora); isso tem uma conotação sombria, pois a noite é qualificada de “hedionda” (“hideous”). No v.3, menciona “violeta”, que é, conforme o web site <http://www.shakespeares-sonnets.com/> emblemática da primavera; no v.4, fala em “árvores” “desfolhadas”, o que sugere o outono; no v.7, há uma menção explícita ao verão; e o v. 8 fala nas barbas “brancas”